

Bolsa-escola tira crianças dos laranja

Trabalhadores mirins sofrem acidentes de trabalho com freqüência e não são indenizados pelo estado nem pelos patrões

Cynthia Garda e
José Varella
Da equipe do Correio

A carreta, puxada por um trator, transportava laranjas para vender em Boquim, Sergipe. Trazia também William dos Santos, então com 12 anos, de volta de um dia de trabalho. O menino caiu e o veículo passou por cima de suas costas. "Fiquei defeituoso", explica, tímido, exibindo o corpo torto.

A ajuda dos patrões foram duas caixas de remédio e um frasco de vitaminas. Dois anos depois, o garoto, que passou um mês e 17 dias internado, não recebeu qualquer indenização.

Na época, estava na terceira série. Aparecia na escola dia sim, dia não, por causa do trabalho nos laranja. Agora, vai religiosamente.

"Presto atenção, estudo melhor, não fico mais preocupado", compara William. "Antes ficava cansado, sempre pensando no trabalho do dia seguinte."

Uma pesquisa da Secretaria de Segurança e

Saúde do Trabalhador no Ministério do Trabalho ouviu 618 crianças e adolescentes como William, que ingressaram cedo no mercado de trabalho. Eram empregados em casas de farinha e na confecção de redes no Rio Grande do Norte, no cultivo do fumo em Alagoas e em laranja em Sergipe.

Entre os entrevistados em Boquim — o principal dos 14 municípios sergipanos da região citrícola, que reúne 326 mil habitantes —, apenas 0,6% tinha altura correta para sua idade. O abastecimento de água atinge menos de 50% da população. Dos chefes de família, 99%

capita da região. Ela é tão baixa — R\$ 30,14, em média — que sofre uma queda significativa quando se reduzem os R\$ 5,04 com os quais contribui essa faixa da população economicamente ativa do estado.

DOENÇAS

Entre as crianças ouvidas no município para a pesquisa, as reclamações mais freqüentes foram problemas auditivos, tontura, febre, insônia, sangramento nasal, palpitações e desânimo. "Sentia uma tristeza... Não dá nem para explicar", diz Gutemberg Cruz da Silva, nove anos, lembrando o tempo em que trabalhava nos laranja. "Era tudo ruim." Há dois anos, ele caiu do galho de uma árvore quando retirava laranjas. Quebrou o braço, que foi engessado de maneira incorreta e até hoje está torto.

Gutemberg e a irmã Soraia Priscila, sete anos, estão inscritos no bolsa-escola em Boquim. Os critérios para entrar no programa são questionados pela população local. A mãe, Valdeci de Jesus, 33 anos, reclama dos comentários dos vizinhos, que acusam seus filhos de terem "nascido em berço de ouro" e não precisar da ajuda do governo.

Contribuem para os comentários a decoração ostensiva de sua casa. São três cavalos, três elefantes e um brasão de louça branca. Seis cisnes e outros três de bico dourado. Cinco galinhas, cinco pombos, dois coelhos e um gatinho de cerâmica também ambientam as duas salas da casa. E cinco borboletas sintéticas ocupam as paredes. Toda a bicharada e mais alguns móveis, segundo Valdeci, foram presentes de uma antiga patroa.

Valdeci não trabalha por dores na coluna, e a tal patroa hoje emprega outra mulher, Edileuma Costa Mota, 27 anos. Como o irmão e a mãe de Edileuma morreram intoxicados com agrotóxicos, ela cria sozinha dois filhos, dois sobrinhos e dois irmãos. Sustenta todos com um salário mínimo.

Os irmãos nunca estudaram. E a bolsa-escola não chegou à sua família. Este ano, o menino deve começar a freqüentar aulas. Mas a irmã, de 14 anos, é analfabeto, mas terá que continuar trabalhando.

■ Leia amanhã: as respostas do governo federal para o problema

CONSEQUÊNCIAS

Em Boquim (SE), apenas

0,6%

dos adolescentes que trabalham têm altura correta para sua idade.
Em relação aos chefes de família,

99%

trabalharam na infância e

60,2%

nunca estudaram